

**Josianne Francia Cerasoli**

*memorial circunstanciado*  
setembro, 2018

Apresentado para o pedido de promoção por mérito para a função MS 3.2 – Professor Doutor II – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Departamento de História, e acompanhado do *curriculum vitae et studiorum* no formato acadêmico da Plataforma Lattes, e documentação comprobatória.

Junto à preparação de um memorial acadêmico parece estar a tarefa de perceber – e dar a perceber – prováveis coerências, continuidades e perspectivas a partir de elementos e ações variados e dispersos. Uma miríade de atividades desenvolvidas cotidianamente e em distintos panoramas, não raramente vivenciados em meio a aceleradas mudanças e premências contínuas, deveriam figurar ao menos com alguma coesão. São atividades de ensino, pesquisa, prestação de serviços e administração, conforme nomeiam as normativas que regulamentam a desejada progressão na carreira na Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, nem sempre cadenciadas do modo como planejamos em seus inícios, mas fortemente atravessadas por urgências e circunstâncias quase sempre inesperadas.

Ao buscar as coerências, continuidades e perspectivas desde o ingresso na carreira docente junto à Unicamp, em 2012, sem dúvida esses atravessamentos se apresentam de modo expressivo.<sup>1</sup> As respostas construídas diante desses desafios, cotidianos e compartilhados, são trazidas de modo sumário neste memorial. Na maior parte delas, são respostas atreladas a preocupações acadêmicas e políticas persistentes ao longo da trajetória profissional, mas ao mesmo tempo não previstas desde os inícios do percurso. A inserção dessa trajetória nas dinâmicas da instituição e do próprio momento histórico se mostra, reiteradamente, como força decisiva nas escolhas feitas e possibilidades abertas. Visto desse modo, o esforço para reunir as informações dessa trajetória e dar a perceber possíveis coerências talvez permita registrar alguns dados importantes sobre a contemporaneidade, por possibilitarem entrever como o cotidiano vivenciado intensamente na academia se conecta de modo permanente a indagações e demandas da sociedade, ainda que, contraditoriamente, esse mesmo cotidiano se mostre como um limite para entrelaçamentos mais amplos e constantes.

---

<sup>1</sup> A opção por considerar neste memorial as atividades desde 28 de junho de 2012, quando ingressei como docente na Unicamp, justifica-se pela resolução que normatiza a progressão e estabelece a necessidade de se destacar “as atividades desenvolvidas após a obtenção do seu último título acadêmico ou última reclassificação por promoção por mérito”. Toma-se aqui como última progressão o concurso público para ingresso na carreira na Unicamp, realizado em dezembro de 2011, sendo o período anterior mencionado a partir de dados importantes para se compreender as continuidades.

Nesta tentativa de enunciar as possíveis coerências e apresentar uma síntese plausível para um conjunto plural de ações, organizo o memorial a partir de dois eixos: primeiramente comento a **inserção profissional**, tendo em mente situar a atuação na docência e demais espaços e atividades universitários e acadêmicos. Com isso busco enfatizar o aspecto que me parece mais destacado nesse período, a partir de 2012, assinalado por várias iniciativas que permitiram, a um só tempo, situar-me profissionalmente em meio ao novo ambiente de trabalho e aperfeiçoar os meios de atuação acadêmica, não apenas como docente. Em seguida abordo **pesquisas e estudos** realizados e atuais, avaliando caminhos percorridos e abertos a partir da produção e dos projetos em desenvolvimento. Indico as propostas que venho formulando, articulando-as aos projetos inicialmente planejados e incorporando os aprendizados e as oportunidades construídas ao longo desse período, na expectativa de situá-los academicamente. Certamente não se pode esperar desses dois eixos o tratamento exaustivo de cada dimensão da vida acadêmica no período, ou a consideração de cada elemento detalhado na Plataforma Lattes, que será referenciada sempre que parecer pertinente.<sup>2</sup> O que se busca aqui é alinhar alguns fios desse percurso, enquanto ele ainda transcorre.

\*

É a partir dessas reflexões que se pontua aspectos da **inserção profissional**, destacando aqueles relacionados à atuação nos últimos seis anos junto ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp-IFCH – sem que isso signifique negligenciar atividades anteriores, como aqueles realizados durante sete anos junto ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia-UFU ou ainda as anteriores, no Centro Universitário o Leste de Minas Gerais-Unileste, na Universidade Metodista de Piracicaba-Unimep, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas-PUCC, ou mesmo no programa de estágio docente, junto à própria Unicamp. É notável a importância de cada uma dessas experiências profissionais, sobretudo considerando que já se somam quase trinta anos desde o início de minhas atividades como docente em 1991, então na educação básica, atuando no ensino fundamental e

---

<sup>2</sup> Currículo acessível em: <http://lattes.cnpq.br/6133789166966359>. Acesso em 13 set.2018. Uma cópia impressa acompanha este memorial.

médio. Seria até mesmo possível pensar em significativas continuidades em relação a práticas, aperfeiçoamentos e reflexões ligadas às dinâmicas de ensino-aprendizagem vivenciadas na docência nos diferentes níveis do ensino ao longo desse tempo. Ainda que a preferência conferida aos últimos seis anos se relacione diretamente ao período considerado neste memorial, está clara desde o princípio a presença indireta e constante da experiência profissional precedente.

Desde o ingresso como docente na Unicamp em 2012, nota-se a atenção dedicada a todos os aspectos pertinentes à atividade acadêmica na universidade: ensino, pesquisa, extensão, serviços à comunidade e administração. Não é sem motivo que seja mencionada inicialmente a inserção profissional na Unicamp destacando-se o IFCH, e não apenas o Departamento de História-DH. Tem sido de fato esta minha percepção ao longo dos últimos anos, dadas as interfaces no Instituto, tanto do ponto de vista administrativo quanto acadêmico, vinculado à docência e à pesquisa, bem como em relação às vivências profissionais das mais diversas ordens. Entre outras atividades, menciono aquelas entendidas como oportunidades para consolidar experiências nos mais variados segmentos que compõem a vida acadêmica e universitária, além da docência e da pesquisa. Nesse ponto, a imediata atuação junto à coordenação do curso de graduação em História e em seguida à frente do Departamento de História, logo após meu ingresso na Unicamp, tornaram-se ocasiões singulares para significativos contatos com os demais cursos e departamentos do IFCH, bem como com outras unidades, configurando estímulo permanente para uma efetiva inserção na vida universitária a partir de um de seus aspectos mais expressivos, ou seja, na consideração da diversidade que a caracteriza.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> O ingresso na Unicamp como docente se deu em junho de 2012, a atuação como coordenadora graduação ocorreu entre dezembro de 2012 e julho de 2015, inicialmente como coordenadora associada, até abril de 2014. Na chefia, a gestão foi de exatos dois anos, entre agosto de 2015 e julho de 2017. A partir desses cargos administrativos, somaram-se outras funções junto à Comissão Central de Graduação, à Câmara Deliberativa da COMVEST, à Comissão Permanente de Formação de Professores, às comissões de revalidação de diplomas e de seleção de candidatos para vagas remanescentes, às comissões de graduação dos cursos em que atuei, além de representação docente na Comissão do Sistema de Arquivos da Unicamp-SIARQ, assessoria de pesquisa junto ao Centro de Memória da Unicamp-CMU, bem como Grupos de Trabalho sobre licenciaturas na Unicamp, sobre implementação de cotas étnico-raciais, em 2015, e sobre a criação de uma política de combate ao assédio e à violência com base em gênero, a partir de 2017.

A inserção no conjunto de atividades que envolvem os cursos de graduação destaca-se nesse primeiro período atividades ligadas ao ensino. Nota-se desde o primeiro semestre de atividades o envolvimento não apenas em aspectos estritamente relativos à docência, mas de modo efetivo a atuação em atividades de concepção, aprimoramento e gestão relacionadas à graduação, no Departamento de História e em outras instâncias da universidade, como a Comissão de Acompanhamento Administrativo do Programa de Formação Interdisciplinar Superior-ProFIS, a Comissão de Graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo, a e o Grupo de Trabalho de Avaliação das Licenciaturas. Tornou-se praticamente obrigatório nesse contexto o aprofundamento do estudo e compreensão acerca das políticas públicas voltadas à educação, sobretudo a partir de 2012 quando uma série de alterações nas normativas que regem os cursos de licenciatura no estado de São Paulo passou a exigir adequações curriculares e reformulações de uma série de práticas, não apenas no curso de História.<sup>4</sup> Configurou-se um processo intenso de debates internos e também estudos em parcerias com outros cursos, não apenas na Unicamp, gerando ao menos dois resultados diretos: uma reformulação curricular discutida e assumida coletivamente e a configuração de redes de apoio de caráter pluridisciplinar, a partir das quais se abriram possibilidades inesperadas para o estudo e a atuação no âmbito das políticas públicas para a educação.

Correlato a esse processo, outro aspecto significativo no período diz respeito às parcerias estabelecidas por meio dos programas institucionais na Unicamp, como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES e o Programa de Consolidação das Licenciaturas – Prodocência/CAPES.<sup>5</sup> A inserção

---

<sup>4</sup> As deliberações do Conselho Estadual de Educação entre 2012 e 2014 sobre as licenciaturas (n.111/2012, n.126/2014, n.129/2014) coincidiram com o período de renovação do reconhecimento legal do curso de graduação em História e com a avaliação periódica via Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior-SINAES, o que provocou uma intensa discussão e reavaliação interna sobre a formação profissional e a organização curricular no curso.

<sup>5</sup> Assumi a coordenação do projeto institucional do Prodocência na Unicamp entre 2013 e 2017, e a coordenação do Subprojeto de História do PIBID em 2013, inicialmente com Néri de Barros Almeida e posteriormente com Luana Saturnino Tvardovskas, até fevereiro de 2018. Com ambas publiquei textos que têm essa experiência como ponto de partida. Os textos sobre o PIBID foram publicados em livro, também disponíveis online (disponível em <http://www.ccg.unicamp.br/index.php/cpfp/pibid>, acesso em 9 set 2018), e a experiência do subprojeto de História do PIBID/Unicamp tem registro periodicamente atualizado, disponível em <https://pibidhistoriaunicamp.wordpress.com/>, acesso em 9 set.2018.

institucional do subprojeto de História do PIBID tornou-se ponto crucial no aprofundamento do papel da universidade pública para a formação de professores, e tem viabilizado desde 2013 uma gradual ampliação da importância de uma sistemática reflexão sobre a docência como campo de atuação profissional dos egressos do curso, ao mesmo tempo que tem consolidado os diálogos na universidade, no âmbito da graduação. É possível notar, entre outros desdobramentos dessas ações, a consolidação de espaços de debates sobre o tema na rotina do curso, como o Encontro de Ensino de História, organizado por estudantes do curso e já em sua segunda edição em 2018. Ao lado da criação de novas disciplinas voltadas às licenciaturas por meio da reforma curricular, tais iniciativas parecem convergir energias e reunir estudos capazes de fomentar aperfeiçoamentos importantes para a responsabilidade social de uma universidade pública na formação profissional docente.

No caso do Prodocência/CAPES, estabeleceu-se uma importante parceria entre os cursos de graduação do IFCH por meio da atuação das coordenadorias de ensino dos três cursos – além da História, também Ciências Sociais e Filosofia –, proporcionando subsídios importantes para o enfrentamento dos desafios mencionados acima. Foi a partir da extensão, com uma experiência pioneira de oferecimento de um curso para professores da rede municipal de ensino de Campinas como contrapartida à recepção de estudantes para estágio, em parceria com a graduação em Filosofia e em Ciências Sociais, que se construiu o projeto contemplado com o financiamento CAPES, o Programa Institucional de apoio às licenciaturas, o Prodocência.<sup>6</sup> Finalizado em 2017, o programa se tornou uma oportunidade singular para aprofundar os projetos da licenciatura em parceria com os demais cursos de graduação do IFCH, dando origem ao primeiro núcleo dedicado a estudos e projetos das licenciaturas, de caráter multidisciplinar: o recém-implementado Laboratório de Licenciaturas do IFCH – L3. O caráter institucional e sobretudo interdisciplinar dos projetos acentua um aspecto importante e frequente

---

<sup>6</sup> O curso “Igualdade, Identidade e Bem Comum: elementos da organização social” foi oferecido em 2013 e 2014 por docentes e pós-graduandos ligados aos três cursos, sendo coordenado também conjuntamente por mim, por Roberto do Carmo (Departamento de Demografia), Enéas Phorlin (Departamento de Filosofia) e Pedro Peixoto (Departamento de Sociologia).

na atuação nesse período, marcado por diálogos e parcerias com colegas de áreas afins na universidade. Merece destaque entre as iniciativas do Laboratório o estabelecimento do Observatório do Ensino Médio-ObEM, em 2017, em parceria com as sociólogas Mariana M. Chaguri e Hivy D. A. Mello.<sup>7</sup> Rapidamente configura-se como espaço no qual têm sido desenvolvidas pesquisas voltadas ao entendimento dos agentes e interesses diretamente envolvidos nas disputas recentes em torno dos projetos para o Ensino Médio no país – mais uma vez, por caminhos inesperados, abre-se uma possibilidade para aprofundar o entendimento de políticas públicas na área de educação no país.

A atuação praticamente simultânea nesses espaços institucionais – coordenadoria de graduação, PIBID, Prodocência e Laboratório de Licenciaturas – permitiu, em curto espaço de tempo, identificar desafios e problemas comuns aos cursos de graduação, especialmente nas licenciaturas, e tomar ciência das possibilidades de aperfeiçoamento do curso de História na universidade, situá-lo em contexto mais abrangente. Além disso, ampliou as oportunidades para minha integração profissional na Unicamp e alterou o panorama para realização e projeção de estudos e debates em torno dos desafios da educação, em distintas dimensões. Foi ao mesmo tempo inesperado, mas ao mesmo tempo compreensível diante dessa integração e desse panorama, perceber que muitos colegas em distintas áreas e espaços da Unicamp me identifiquem como alguém dedicada à educação, em estudos e pesquisas. Atualmente, é plausível considerar que essa preocupação acadêmica se somou às pautas que vinha desenvolvendo até então, seja a partir das demandas geradas nas dinâmicas da gestão na universidade, seja em função das exigências relacionadas às propostas de reformulação das políticas públicas para a educação no país, sobretudo a partir de 2015.

Quanto à docência propriamente dita, também entendida de modo mais ampliado a partir dessa inserção profissional em meandros interdisciplinares e de gestão, destaca-se a atuação não apenas no curso de graduação em História, no qual venho assumindo disciplinas de fundo teórico e metodológico, bem como disciplinas

---

<sup>7</sup> Encontra-se em desenvolvimento o site do L3, em breve disponível em [www.ifch.unicamp.br/l3](http://www.ifch.unicamp.br/l3).

sobre o período republicano da história brasileira, mas ainda, de modo muito presente, no curso de Arquitetura e Urbanismo, no qual as pesquisas sobre história urbana e formação do pensamento urbanístico encontram espaço significativo para debates. São também essas as temáticas, juntamente com as discussões a partir das linguagens políticas, as mais presentes no curso de pós-graduação em História, no qual atuo desde 2012 em duas linhas de pesquisa – Cultura e Cidades; Política, Cultura e Memória –, nas quais oriento atualmente o desenvolvimento de oito teses de doutoramento. Sobre as teses e dissertações em desenvolvimento e concluídas, é significativa a presença de temáticas relativas à formação do campo profissional da arquitetura e do urbanismo, tomados em suas conexões transnacionais, sobretudo no continente americano, ao lado de temas relacionados às políticas públicas e às linguagens políticas. No conjunto, são tópicos com significativos pontos de diálogo com as pesquisas e projetos que venho debatendo – aspecto a ser retomado a seguir, ao abordar as **pesquisas e estudos**.

Complemento os dados sobre a docência no período com a atuação, a partir de 2016, também junto ao recém-criado Mestrado Profissional em Ensino de História. Embora não tenha estado entre os projetos iniciais da trajetória profissional na Unicamp, o envolvimento cada vez mais aprofundado com questões relacionadas à educação, às licenciaturas e ao ensino de história tem configurado um espaço importante de diálogos e de estudos na universidade. Por esse prisma, o Mestrado Profissional apresenta-se como mais um ponto de convergência de uma série de ações nas quais tenho me envolvido, a ponto de ser possível neste momento perceber como os debates acadêmicos feitos em minhas pesquisas iniciais sobre temas da história política e das políticas públicas republicanas, sobretudo por meio das linguagens políticas, atualmente permitem potencializar discussões contemporâneas em torno de políticas educacionais, de modo amplo. É nesse sentido que sublinho a conclusão da primeira dissertação sob minha orientação no Mestrado Profissional, defendida muito recentemente, aproximando precisamente o tema do ensino de história e os dilemas da democracia e participação cidadã.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Trata-se da dissertação de Flávia Jacober Colar Vieira, “Ensino de história, construção de identidades políticas e práticas cidadãs: resistências e desafios na contemporaneidade”, primeira orientação

Por certo são múltiplos os caminhos delineados a partir desta narrativa sobre esse período de inserção profissional no IFCH e na Unicamp, mas ao organizá-los neste memorial é possível ultrapassar a persistente sensação de alguma dispersão gerada na vivência cotidiana dessa variedade. O aspecto orientador, o elemento constante a partir do qual são modulados esses tópicos está, sem dúvida, na dimensão política, presente nos debates curriculares, nas articulações interdisciplinares, nas investigações sobre políticas públicas, na pauta das preocupações profissionais, nos estudos voltados ao urbano e à formação do pensamento urbanístico – aspecto que se aprofundará a seguir. Mesmo pensando a dimensão política em sua acepção mais pragmática e cotidiana, trata-se de uma constante no período. Ao lado da discussão sobre a formação profissional, sobretudo nas licenciaturas, seguramente os debates em torno da reforma do ensino médio e da implementação da Base Nacional Comum Curricular, com todas as polêmicas que mobilizam a partir de 2015, também contribuíram para construção desses espaços de inserção acadêmica em torno ao político.<sup>9</sup> Pode-se acrescentar, ainda, ao lado dos desdobramentos das discussões sobre a adequação curricular, também priorizadas entre as atividades da coordenadoria de ensino, os diálogos estabelecidos diretamente com a Associação Nacional de História – Seção São Paulo (ANPUH-SP), que resultou na participação nos Fóruns de Graduação organizados pela entidade e, posteriormente, na atuação junto à diretoria da associação desde 2014, atualmente na condição de presidente da associação. Uma das pautas principais nesse período tem sido o aperfeiçoamento das interfaces entre a formação e a atuação profissional, bem como as relações entre bacharelados e licenciaturas no estado, e mais uma vez, a ênfase recai sobre políticas públicas.

---

concluída no mestrado profissional, no qual oriento no momento um segundo trabalho, e décima dissertação de mestrado concluída sob minha orientação.

<sup>9</sup> Algumas publicações e uma série de participações em eventos têm acompanhado essa aproximação em torno do ensino, da formação docente e das políticas pública em educação, merecendo destaque as publicações ligadas ao PIBID, o artigo “Tecnologia como forma de violência na educação básica”, atualmente no prelo, editado no Brasil e em versão em castelhano, para publicação na Espanha; destaque também as participações motivadas por convites da PUC-GO, de outros grupos PIBID e do Colégio Técnico da Unicamp-COTUCA, entre outras. Gostaria de mencionar ainda, de modo muito especial, a participação voluntária, junto com mais de trinta docentes do IFCH, na composição do curso livre “O golpe de 2016 e o futuro da democracia no Brasil, no qual fui responsável pela aula sobre a educação e o golpe: “Educação Sitiada” (ementário disponível em: [https://www.ifch.unicamp.br/ifch/pf-ifch/public-files/eventos/53941/curso\\_golpe\\_com\\_ementas.pdf](https://www.ifch.unicamp.br/ifch/pf-ifch/public-files/eventos/53941/curso_golpe_com_ementas.pdf)).

Outros aspectos relativos à inserção profissional no período, mais diretamente relacionados às pesquisas e docência, serão abordados na segunda parte deste memorial, por uma opção formal de organização das informações, visto que as distintas dimensões dessa experiência profissional são vivenciadas de modo mais espontâneo do que esta narrativa permite perceber. Mas antes de abordá-los, há um aspecto da inserção profissional no período que parece ser importante pautar, sobretudo pela responsabilidade que mobiliza. Entre as atividades de gestão mencionadas até aqui, talvez esta esteja entre as mais distantes do perfil acadêmico que molda nossa formação e preparação para a vida profissional. De caráter essencialmente administrativo, a função da chefia do Departamento não prevê, exige ou suscita, em si, reflexões e discussões de fundo acadêmico, no sentido do trabalho propriamente intelectual abarcado pelo termo. E apesar da atuação na chefia do Departamento não estar certamente prevista como prioritária na trajetória profissional na academia, sem as decisões e ações dessa esfera muito de nosso cotidiano profissional pode ser inviabilizado, e por isso mesmo sinto ser necessário dedicar um breve comentário ao exercício da chefia no Departamento de História ao longo de dois anos. Para além da rotina, destaca-se no período a premência da substituição de praticamente metade do quadro docente do departamento, todos em processo de aposentadoria. A importância das decisões e encaminhamentos na passagem por essa função administrativa relaciona-se não apenas ao zelo necessário, mas sobretudo à responsabilidade acadêmica implicada, considerando-se sobretudo o papel que esses docentes têm desempenhado no cenário acadêmico. Colocados lado a lado, tratava-se de cuidar da substituição de metade do quadro docente responsável pelo estabelecimento e projeção do Departamento de História na Unicamp desde sua formação, em 1976.<sup>10</sup>

Na prática, ao longo dos dois anos, foi necessário assumir a organização e realização de nove concursos públicos, sendo seis deles para contratação de professores – dois docentes para a área de História do Brasil Colonial, e um docente

---

<sup>10</sup> Acrescenta-se a isso a clareza partilhada pelo próprio Departamento de que se tratava de uma oportunidade com prazo restrito, visto que as mudanças no cenário político e econômico, interno e externo à universidade, anunciavam desde o início a necessidade de cuidar em um curto espaço de tempo de todos os trâmites administrativos implicados.

para cada uma das áreas de História do Brasil Imperial, História do Brasil Republicano, História Contemporânea, História da Arte, Teoria da História – e três para progressão na carreira – dois concursos de livre-docência, na área de História da América e na área de História da Arquitetura e do Urbanismo Moderno, e o concurso para a primeira professora titular do Departamento na área de História Medieval. Para além da responsabilidade administrativa e acadêmica inerente a esses processos, aliviada pela colaboração permanente do próprio Departamento e do Instituto, devo destacar o aprendizado profícuo e os significativos diálogos estabelecidos ao longo desse processo com numerosos colegas de outras instituições, que nos apoiaram na composição e na dinâmica de tantas bancas examinadoras e processos seletivos sucessivos. Não seria pouco dizer que se tratou de uma experiência singular e intensa na academia.

\*

Em meio às múltiplas atividades que envolvem a experiência acadêmica, dimensões das **pesquisas e estudos** têm seus planos constantemente revisitados e redirecionados, considerando-se não apenas as dinâmicas próprias à pesquisa, cujos resultados tendem a suscitar novas questões ou deslocamentos, mas sobretudo os diálogos e trocas que se configuram no percurso acadêmico. Essa percepção estimula que se busque relacionar permanentemente os estudos realizados, as possibilidades de pesquisa construídas nesses diálogos e os projetos atuais, avaliando caminhos percorridos e abertos a partir da produção e dos projetos em desenvolvimento. É a partir desse entendimento que se analisa aqui as pesquisas e estudos como reiterada *atualização* de uma série de indagações em torno ao político e ao urbano que tenho pautado desde as elaborações relacionadas ao mestrado e ao doutorado em história.<sup>11</sup> É também com base nessas investigações que percebo desdobramentos

---

<sup>11</sup> O primeiro, concluído em 1996, abordou as dimensões políticas da fundação da primeira instituição de ensino superior financiada por um governo republicano, a Escola Politécnica de São Paulo (em *A grande cruzada: os engenheiros e as engenharias de poder na primeira república*), e foi recentemente revisitada na produção de um artigo para a *Revista Brasileira de Inovação*. O doutorado, concluído em 2004, investigou as obras públicas na cidade de São Paulo, entrecruzando dimensões técnicas, políticas e de participação cidadã na configuração do espaço urbano na capital paulista, na passagem do governo imperial para o republicano (em *Modernização no plural*), igualmente se relaciona a recente artigo, preparado para coletânea sobre o poder municipal (no prelo).

das indagações, que atualmente direcionam meus estudos para a dimensão plural do urbano, entendido por distintos matizes, e para o debate teórico em torno das dinâmicas inter e transnacionais dos saberes sobre a cidade, entendido a partir das teorias e formas urbanas. Antes de aprofundar esses dois desdobramentos, parece importante retomar em parte o percurso feito, anterior a 2012, e em seguida situar algumas iniciativas que abriram significativas possibilidades de diálogo, e, por fim, suas *atualizações*.<sup>12</sup>

A partir do estudo das transformações ocorridas na cidade de São Paulo entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX, que no decurso do doutorado focalizaram as intensas mudanças nas formas de gestão da cidade e na participação política de seus habitantes, constituiu-se um panorama abrangente de investigações em torno das primeiras décadas do período republicano. Configura-se uma espécie de convergência entre as percepções sobre um surto de transformações – urbanas, populacionais, materiais, arquitetônicas, sociais etc. – e enunciados contundentes acerca de mudanças políticas e simbólicas, cuidadosamente associados ao ideário republicano, aparentemente ampliando o potencial de projetos políticos, muitas vezes convertidos em planos de intervenção, que pareciam materializá-los. Desde as pesquisas do doutorado, nota-se nesse processo uma complexa rede de inter-relações em que atuavam não apenas os saberes especializados – da engenharia e da medicina, constituintes de um incipiente *urbanismo* no XIX – mas também os habitantes, na condição de cidadãos, e os poderes públicos. Com especial atenção às obras públicas, entendidas como ponto nodal nesse processo em que o urbano é posto em questão, foram discutidas nesse estudo as relações entre distintos agentes: os engenheiros e os saberes especializados, as autoridades públicas da municipalidade e os habitantes, na condição de cidadãos. Envolve práticas e dimensões da participação nos assuntos da cidade advindos das relações poderes-saberes-cidadinos em curso desde a segunda

---

<sup>12</sup> Alguns desses apontamentos remetem diretamente ao memorial apresentado para o concurso em 2011, visto aqui como uma continuidade inseparável dos percursos elaborados neste memorial.

metade do século XIX.<sup>13</sup> Todo esse processo engendrava, no conjunto, uma experiência *plural* de *modernização* – ampla e complexa.

Foi nesse panorama que se mostrou bastante expressiva a atuação de um engenheiro-arquiteto, realçado nas pesquisas na condição de especialista diretamente vinculado aos saberes eruditos mobilizados na gestão do urbano<sup>14</sup>. Mais que as obras propriamente ditas, buscou-se problematizar os posicionamentos e escritos de Alexandre Albuquerque acerca da arquitetura, da atuação profissional e inserção social, tomando-o como profissional atuante na capital no momento de configuração desse próprio campo de atuação, além de professor de história da arquitetura, por vários anos, no curso de engenheiro-arquiteto da Escola Politécnica, no qual foi formado. Um dos estudos advindo dessas indagações discute as tensas relações entre as propostas para uma arte supostamente nacional, nos anos 1920, e as iniciativas autoproclamadas modernas – tensões nas quais Albuquerque tem entradas plurais, seja como o professor de história da arte em busca de uma linearidade para uma suposta *evolução* das artes, seja como autor e defensor de projetos inspirados no chamado estilo neocolonial como expressão das artes tradicionais brasileiras, ou ainda na condição de representante e ativo articulador de políticas de abrangência pan-americanas no campo das artes, da regulamentação da profissão do engenheiro e do arquiteto e da gestão urbana<sup>15</sup>.

O tema esteve presente nas primeiras edições dos Congressos Pan-americanos de Arquitetos, realizados pela primeira vez em Montevideo, em 1920. Entre as discussões travadas nos nesses encontros de profissionais, ao lado de amplos debates sobre o lugar do arquiteto e da arquitetura nos projetos de futuro para as Américas, colocava-se insistentemente um problema que remete de modo

---

<sup>13</sup> Foi a partir dos desdobramentos desses estudos que se consolidaram desde 2015 diálogos com pesquisadores de outras instituições, como Marcelo de Souza Magalhães, da Unirio, e Paulo Cruz Terra, da UFF, que organizaram um colóquio e um livro sobre a temática do poder municipal, nos quais apresentei uma reflexão e um artigo “Configurações de um Brasil urbano e republicano – relações de força”, atualmente no prelo.

<sup>14</sup> Os estudos sobre o engenheiro ligam-se ao projeto “Ciência, Arte e História na Arquitetura: sobre o campo profissional do engenheiro-arquiteto em São Paulo - a trajetória de Alexandre Albuquerque”.

<sup>15</sup> Sobre a questão do neocolonial, elaborei pesquisas em torno do *revival* colonial nas Américas, relacionando política, ciência e arte, nas quais também foram investigadas inter-relações dos profissionais brasileiros no continente, como aquelas que aproximaram Albuquerque e o arquiteto argentino Angel Guido, em torno da questão identitária americana.

direto a alguns temas em pauta também no Brasil na primeira metade do século XX: sobre o papel das artes, da cultura e da tradição na definição de supostas identidades nacionais e pan-americanas. Nas relações – distintas, imbricadas – que se vislumbra nesse debate, perpassadas por jogos de poder, temores quanto a dominações políticas, projetos nacionais e/ou nacionalismos, relações sociais, dimensões simbólicas e utopias, os modos de apreensão do passado e da história são manipulados de modo mais ou menos inconsciente, convertendo-se inclusive em repertório literalmente materializável pelos projetos arquitetônicos. Embora tenha sido possível, no período, estudar mais detidamente esses debates, é importante sublinhar um aspecto cujo aprofundamento merecerá nos próximos anos mais atenção: aquilo que diz respeito aos próprios efeitos das linguagens arquitetônicas, entendidas como linguagens políticas.<sup>16</sup>

Antes de notar essas relações de Albuquerque com o debate internacional sobre temas identitários, o engajamento desse profissional na luta política pelo reconhecimento das especificidades do saber e do ofício do engenheiro e do arquiteto já havia indiretamente inspirado outras reflexões em meus estudos, ainda quando desenvolvia o projeto de mestrado. O discurso de Albuquerque, então como formando de uma das primeiras turmas de engenheiros de São Paulo se insinuara como parte do título mesmo da dissertação de mestrado, quando incitava os colegas a se alistarem na profissão como “cavaleiros da grande cruzada”. Embora só mais tarde tenha notado sua recorrência na documentação, sendo inclusive esse mesmo discurso engajado referenciado com frequência nos debates sobre a regulamentação profissional e a especialização da mão de obra no país, era já constante e significativa a presença de suas falas, situadas entre as primeiras que foram lidas por mim menos em sua matriz técnica, vinda do saber erudito, e mais por suas dimensões políticas e sociais.<sup>17</sup> No estudo da fundação da primeira escola superior de engenharia sob o regime republicano, a Escola Politécnica de São Paulo, em 1893, organizada pelo governo estadual, pude explorar os modos como essa iniciativa aproximou acepções

---

<sup>16</sup> O projeto atualmente em desenvolvimento, cujo apoio foi solicitado à Fapesp, sobre teorias e formas urbanas, apresenta três momentos distintos, sendo o segundo deles dedicado à linguagem arquitetônica.

<sup>17</sup> Cabe mencionar o aprofundamento desses estudos a partir de dissertação de mestrado concluída recentemente, sob minha orientação, na qual Leonardo Faggion Novo estudou a legitimação da profissão de arquiteto no Brasil (1920-1930).

progressistas atribuídas aos saberes da engenharia a projetos políticos liberais, sobretudo os republicanos, bem como a proposições objetivas acerca da formação de “braços” para subsidiar a produção nacional, deixando indícios significativos sobre projetos políticos então existentes no país. Identificava-se então, na fundação da Escola e nas ações dos engenheiros no período, articulações entre o prestígio almejado pelo governo paulista e aquele desfrutado pelas ciências matemáticas no século XIX. Ao entrecruzar os discursos e as ações desses engenheiros no Brasil nas décadas próximas ao fim do século XIX, assinalou-se na formação profissional da engenharia, e posteriormente da arquitetura, sua gradual constituição como campo de conhecimento e ação.<sup>18</sup>

Tomados agora à distância e cotejados com os projetos e investigações vigentes, esses percursos de investigação parecem enunciar um coeficiente comum de pesquisas e estudos a partir de dimensões do político, do urbano e do plural que os constitui. Esse coeficiente, embora não reflita uma coerência e linearidade em tese desejáveis, envolve tanto a construção de espaços institucionais e interinstitucionais de diálogo acadêmico quanto a elaboração e desenvolvimento projetos de pesquisa. Inicia-se aqui pelos espaços.

A inserção nas atividades de pós-graduação exigiu, neste primeiro período junto à Unicamp, o estabelecimento paulatino de um espaço de discussões e pesquisas situado entre os temas de história política e história urbana, seja na abrangência das atividades docentes cotidianas, como o desenvolvimento de disciplinas e a atuação junto às linhas de pesquisa (de Cultura e Cidades; de Política, Cultura e Memória), seja do ponto de vista institucional. Em relação ao primeiro aspecto, pode-se dizer que o estabelecimento desse ambiente esteve relacionado diretamente à regularidade na atuação nas duas linhas de pesquisa e à discussão

---

<sup>18</sup> Essa dimensão política tem acompanhado minhas investigações e reflexões acadêmicas, desde o período de formação na graduação, na atenção então dada às ações práticas e discursivas do engenheiro responsável pela organização da Politécnica, seu primeiro diretor, Antonio Francisco de Paula Souza (1843-1917). Envolvidos pelo ambiente de otimismo, científico e progressista, então aliado à crença nas novas possibilidades do governo republicano, Paula Souza e a própria Politécnica viabilizaram, no contexto dos primeiros estudos acadêmicos monográficos, uma primeira exploração das relações entre o temário político, as questões sociais e os saberes eruditos (estudo iniciado na monografia de graduação: *Os prometeus modernos: os projetos das engenharias na primeira república*, sob orientação de Alcir Lenharo, em 1995).

acadêmica com estudantes e colegas, dentro e fora da instituição. Além das parcerias internas ao programa, ao departamento e ao instituto, alimentam essas discussões ao longo do período a participação no Grupo de Pesquisas em História do Urbanismo e da Cidade-GPHUC-FAU/UnB; os constantes diálogos com historiadores atuantes na Unifesp, como Fernando Atique e Janes Jorge, a partir dos quais se constituiu o Grupo de Trabalho da ANPUH-SP sobre História Ambiental;<sup>19</sup> as interlocuções com o laboratório Temps, Espaces, Langages, Europe Méridionale – Méditerranée (TELEMME – Aix-Marseille Université ), por meio do pesquisador Angelo Bertoni, que permaneceu como pesquisador visitante na Unicamp em 2016;<sup>20</sup> as colaborações mútuas com a pesquisadora Mônica Raissa Schpun (do Centre de Recherches sur le Brésil Colonial et Contemporain-CRBC, da Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales-EHESS, que resultaram em duas atuações como pesquisadora visitante junto à Unicamp e o estabelecimento de uma rede de pesquisa, liderada pela pesquisadora Anna Caiozzo, do Laboratoire Identités Cultures Territoires, Université Paris 7, concluído recentemente.<sup>21</sup> Dessa parceria com Schpun resulta ainda o recente estabelecimento de um Convênio de Cooperação Científica entre a EHESS e a Unicamp, sediado no IFCH.<sup>22</sup>

É no contexto desses diálogos e do esforço para sua consolidação institucional que têm sido desenvolvidos os projetos de pesquisa, individuais ou na condição de orientadora. Do ponto de vista institucional, dois aspectos merecem menção como partes significativas desse estabelecimento gradual de espaços de discussões e pesquisas em nível de pós-graduação nesses anos: a reorganização do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade – CIEC/IFCH, atualmente sob minha coordenação, e o estabelecimento da Associação Ibero-americana de História Urbana – AIHU, desde 2013, com sede no CIEC. A reorganização do CIEC abarcou a retomada

---

<sup>19</sup> Com este GT, foi realizado um Seminário sobre Cidade e Natureza, na Unicamp, e organizado uma coletânea sobre a temática, que inclui um artigo que elaborei sobre o que denominei “seres urbanos”.

<sup>20</sup> Angelo Bertoni também me receberá, no final deste semestre, como pesquisadora visitante em Marseille, além de ter organizado, em parceria comigo, duas sessões de trabalhos junto ao congresso internacional da European Association for Urban History-EAUH, em 2016 e 2018.

<sup>21</sup> A partir desse projeto, foi desenvolvido um estudo sobre a Praça da República, em São Paulo, e preparado um artigo que se encontra atualmente em avaliação por um periódico da área de história urbana.

<sup>22</sup> Trata-se de um convênio entre as duas instituições, com vigência até 2020.

do projeto de disponibilização de dados provenientes de pesquisa documental reunidos pelos pesquisadores do centro nos últimos 10 anos, com o apoio de uma equipe de bolsistas financiada pelo Serviço de Apoio ao Estudante-SAE/Unicamp, bem como a retomada das trocas acadêmicas, por meio da atuação na Assessoria de Pesquisas, com o Centro de Memória do CMU, que constituiu um centro de documentação e pesquisa originariamente parceiro do CIEC.<sup>23</sup> O estabelecimento da Associação Ibero-americana de História Urbana-AIHU, cuja sede institucional encontra-se no CIEC, permite dinamizar vários aspectos relativos aos estudos e pesquisas na área de história na Unicamp, sobretudo considerando os intercâmbios entre as distintas pesquisas, levando-se em conta inclusive as aproximações dos temas desenvolvidos por estudantes do programa de pós-graduação, voltados ao estudo da questão urbana na Argentina ou os diálogos profissionais no próprio continente, entre outros.<sup>24</sup>

A AIHU congrega pesquisadores de diferentes países no continente americano e europeu, fundada a partir das atividades de pesquisa e das interlocuções acadêmicas e institucionais relativas aos estudos urbanos, em parceria com o Grupo de Pesquisa em História do Urbanismo da Cidade-GPHUC/UnB.<sup>25</sup> As atividades da AIHU também aproximaram, mais recentemente, os trabalhos do CIEC do grupo de pesquisas da FAU/USP denominado Cultura, arquitetura e cidade na América Latina, coordenado por Nilce Aravecchia Bottas e Ana Cláudia S. Veiga de Castro. Cumpre

---

<sup>23</sup> A documentação é majoritariamente proveniente do projeto interdisciplinar e interinstitucional desenvolvido entre 2005 e 2011, do qual participei como pesquisadora colaboradora, antes do ingresso na carreira docente na Unicamp. Trata-se do projeto temático: Saberes Eruditos e Técnicos na Configuração e Reconfiguração do Espaço Urbano - Estado de São Paulo, Séculos XIX e XX, coordenado pela Profa. Dra. Maria Stella Bresciani, com participação de pesquisadores doutores da PUC-Campinas, da Unesp-Bauru, do IUAV-Veneza e da Unicamp, financiado pela FAPESP (processo n.05/55338-0). Os materiais do banco de dados do CIEC, bem como a página da Associação Ibero-americana de História Urbana, estão disponíveis em: [www.ifch.unicamp.br/ciec](http://www.ifch.unicamp.br/ciec), acesso em 9 set.2018.

<sup>24</sup> Refiro-me aos estudos de Ana Carolina de Oliveira Alves e Suelen Caldas Simião, concluídos no nível do mestrado e em desenvolvimento, sob minha orientação, no doutorado; refiro-me também ao estudo de Leonardo Faggion Novo, cujo doutoramento aborda as relações entre o pan-americanismo e a arquitetura na primeira metade do século XX.

<sup>25</sup> Foi possível organizar o primeiro Congresso Internacional da AIHU, em novembro de 2016 em Santiago/Chile, sob responsabilidade da Universidad Católica de Chile, e está em fase de organização o Segundo Congresso, a ser realizado na Ciudad do Mexico, em 2019. Em parceria com o GPHUC/UnB também organizamos os Seminários Urbanistas e Urbanismo no Brasil, cuja primeira edição, em 2013 (Brasília), deu origem a uma coletânea, organizada por mim e Rodrigo de Faria, na qual contribuo também com um artigo sobre as (im)possibilidades de uma abordagem biográfica nos estudos urbanos. Foram organizadas duas edições do evento, em 2015 (São Carlos-SP) e 2017 (Recife-PE).

destacar ainda sobre o centro a reestruturação da *Revista Urbana* - publicação eletrônica do CIEC, na qual atuo como editora responsável, juntamente com Rodrigo de Faria (UnB) e Viviane Ceballos (UFCEG); a revista foi selecionada para integrar o recém-implementado Portal de Periódicos da Unicamp, a partir de julho 2015.<sup>26</sup> Mais recentemente, soma-se a essas interfaces institucionais e interdisciplinares uma importante parceria com o projeto sediado na Universidade Federal da Bahia, cujo objetivo fundamental é abrigar, relacionar e disponibilizar uma série de verbetes e informações sobre as trajetórias do pensamento urbanístico ao longo da história. O CIEC, desde 2017, sob minha coordenação, é parceiro na composição do portal Cronologias do Pensamento Urbanístico, coordenado por Paola B. Jacques e Margareth Pereira, além de participar com seus pesquisadores dos encontros e das publicações coordenadas pela equipe do Cronologias.<sup>27</sup>

Em síntese, sob um ponto de vista institucional, esse conjunto de ações pode atestar a imediata inserção nas atividades que envolvem o ensino de graduação e pós-graduação, a gestão e os intercâmbios acadêmico-institucionais destacam-se nesse primeiro período de atuação profissional junto à Unicamp. Sob um olhar academicamente interessado, parece apontar ao menos dois caminhos que se entrecruzam: um deles se relaciona à ampliação do repertório e do escopo para as pesquisas a respeito dos saberes eruditos sobre a cidade, sobretudo sobre a formação do campo do urbanismo e dos estudos urbanos; o outro aprofunda a compreensão das dimensões políticas, seja dos saberes, seja do urbano, abrindo possibilidades para debates até o momento menos recorrentes, embora subjacentes a esse temário.

Nesse segundo caminho, uma modulação importante dos estudos sobre as dimensões políticas concernentes aos saberes técnicos e eruditos sobre o urbano

---

<sup>26</sup> A revista eletrônica está atualmente disponível no Portal de Periódicos Eletrônicos Científicos da Unicamp: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana>, acesso em 9 set. 2018.

<sup>27</sup> Disponível em: [www.cronologiadourbanismo.ufba.br](http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br). Acesso em 12 set. 2018. Resulta desta parceria um livro sobre as formas de pensar o urbanismo, “Nebulosas do Pensamento Urbanístico”, já publicado, no qual contribuo também com um artigo sobre “Pensar por pluralidades”, e outro sobre as Formas de Fazer, que se encontra no prelo, onde também contribuo com um artigo a partir da experiência no CIEC com a documentação de pesquisa e os verbetes: “Modos de fazer e de pensar o urbano: enlaces de história e urbanismo” (artigo em parceria com Stella Bresciani e Rodrigo de Faria).

tem sido discutida colocando-se em xeque, uma vez mais, a neutralidade e a universalidade a eles atribuídas em distintas situações. Trata-se de uma leitura desses saberes que prioriza seu funcionamento como linguagem política, ou seja, como dispositivo capaz de incidir de modo direto e indireto sobre o urbano, mobilizando projetos e perspectivas distintos. Tem sido fundamental para o aprofundamento dessa abordagem a inserção desse debate nas dinâmicas do grupo de pesquisa interinstitucional “História e Linguagens Políticas: Razão, Sentimentos e Sensibilidades”, coordenado por Izabel Marson e Stella Bresciani, ambas docentes do programa de pós-graduação da Unicamp. Um dos últimos temas sobre os quais se debruçou o grupo foi a questão da indiferença na contemporaneidade, analisada por diferentes situações.<sup>28</sup> Uma reflexão sobre esse tema possibilitou aproximar a objetividade atribuída aos saberes técnicos, a neutralidade e a própria indiferença. Na esfera do urbano, essa aproximação parece fixar-se em uma espécie violência, na qual os habitantes ou os seres vivos e as racionalidades, em sua pretensão à objetividade, estão sempre em aparente contraste. Certa atitude de indiferença parece figurar de modo oblíquo sob uma presumida objetividade, encoberta em operações aparentemente eficientes, como em reiteradas normatizações e supostos aperfeiçoamentos técnicos que pretendem prever e controlar a vida urbana, como aqueles ensaiados pelos preceitos do urbanismo.

Ou seja, o interesse central foi investigar situações históricas nas quais posturas entendidas como de objetividade, neutralidade ou indiferença se fundamentam em racionalidades técnicas, como se afrontassem dimensões da vida humana, entendida como vida “natural” ou como modos particulares de vida. Os dispositivos do discurso científico implicados, por exemplo, em mecanismos da medicina, da educação, do sanitarismo, do urbanismo têm papel importante na difusão dessas posturas em contraste com a vida humana, ao formularem políticas e fundamentarem dispositivos para disciplinar a vida urbana – padrões de conduta, de higiene, de ordenação dos ambientes, de intervenção no meio, como “modeladores” externos às pessoas, como formadores. Trata-se de uma ideia em diálogo com

---

<sup>28</sup> Foi organizado pelo grupo um colóquio e uma publicação sobre o tema da indiferença, nos quais pude apresentar uma reflexão relativa aos temas urbanas.

aquelas do historiador, crítico de arte e também prefeito de Roma na década de 1970, Giulio Carlo Argan, ao se indagar sobre as relações entre urbanismo, espaço e ambiente.<sup>29</sup> Ele retoma a ideia de que o objeto implícito ao se programar, planejar, projetar é sempre a existência humana e, por conseguinte, não se planejaría, projetaria, programaria se não se pensasse em uma existência melhor ou diferente em relação ao que é. Mas, conforme afirma, apesar de parecer uma ideia evidente, é ainda vigente e pertinente a pergunta por ele formulada: o que teria acontecido com a cidade moderna, tornada angustiante? Para ele, seria necessário conservar ou restituir ao indivíduo a capacidade de interpretar e utilizar o ambiente urbano de maneira diferente das prescrições implícitas no projeto de quem o determinou, ou seja, dar-lhe a possibilidade de não se assimilar, mas de reagir ativamente ao ambiente.<sup>30</sup>

Concomitantemente ao avanço desses dispositivos modeladores, aliados a um só tempo da objetividade e da indiferença, a cidade tem sido percebida como espaço conflituoso, problemático e mesmo precário, capaz de frustrar perspectivas de planejamento e gestão positivamente apoiadas em dispositivos técnicos e fundamentação racional/científica. A despeito disso, é significativo que a cidade continue atraindo de modo persistente projetos e renovadas expectativas. Ao mesmo tempo que busca controlar, a cidade fascina indivíduos mobilizados em busca de melhores condições de vida; atrai projetos mobilizados em torno de múltiplas oportunidades que sinaliza; incentiva, ao mesmo tempo que busca regular, investimentos interessados no potencial econômico perceptível em distintas dinâmicas urbanas. E tudo isso a despeito dos desafios e dificuldades que a vida urbana renova, em especial considerando-se a trajetória da cidade contemporânea. Talvez contribuam para essa mobilização aparentemente contraditória duas noções em certa medida generalizadas acerca da cidade e da vida urbana, sobretudo quando se pensa em metrópoles ou grandes cidades: o entendimento da pluralidade ou da diversidade como atributo fundamental da vida cidadina, em especial quando tomada em oposição à vida rural ou às comunidades; a noção usualmente positiva do

---

<sup>29</sup> ARGAN, Giulio Carlo. *História da Arte como História da Cidade*. 3ª ed. Trad. Pier Luigi Cabra. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p.223.

<sup>30</sup> ARGAN, G. C. *História da Arte...* Op.cit., p.219

cosmopolitismo como um atributo desejável ou mesmo inerente à vida nos grandes centros urbanos. É nesse ponto que outro caminho para estudos e pesquisas tem se mostrado também instigante, colocando lado a lado a indiferença, a neutralidade e o cosmopolitismo na vida urbana.<sup>31</sup> A partir da aproximação entre cosmopolitismo e cidade, busca-se apontar flexões, variações, curvaturas, nervuras de ambos os termos. Busca-se traçar alguns caminhos e possibilidades para se pensar mais detidamente as conexões entre essas três noções – pluralidade, cosmopolitismo e cidade – de modo a discutir certa aura positiva a elas associadas e problematizar seus potenciais políticos.

Neste ponto, gostaria de retomar, em síntese, o temário das pesquisas a partir do qual busquei essa inserção profissional e onde referencio minhas investigações atuais, bem como os projetos para novos estudos. *Grosso modo*, pode-se dizer que tenho problematizado o urbano, sobretudo em sua incontornável dimensão política – entendida tanto pela leitura dos enunciados que nele se engendram, quanto pela apreensão do lugar dos saberes técnicos e especializados na cidade, e, mais recentemente, a partir das leituras vigentes sobre a dimensão plural associada ao urbano. Desse temário, é significativo mencionar texto publicado há quase uma década sobre os estudos urbanos, no qual são exploradas as concepções de história que atravessam os estudos sobre cidades e são analisados os paradigmas e aportes explicativos que atravessam as numerosas investigações sobre a temática. Texto elaborado inicialmente como um balanço sobre as pesquisas sobre o urbano, acabou tomado ao longo do período por diversos pesquisadores como baliza para situar outros estudos sobre cidades, motivando novos balanços que permanecem em pautas nas pesquisas atuais<sup>32</sup>. Destaca-se entre essas pautas as preocupações acerca do lugar da própria história como um modo de pensar cujas especificidades

---

<sup>31</sup> Além de se configurar como a terceira parte do projeto em desenvolvimento sobre teorias e formas urbanas, o estudo sobre cosmopolitismos também tem sido discutido recentemente em eventos acadêmicos, como o encontro da ANPUH-SP.

<sup>32</sup> Texto elaborado em parceria com a historiadora Marisa Carpintéro: A cidade como história (publicado na revista História. Questões e Debates, em 2009). Como continuidade desse primeiro balanço, foram publicadas duas reflexões nos anais de dois eventos (1 Congresso da AIHU e 3 Seminário Urbanistas e urbanismo no Brasil). Trata-se, porém, de uma questão aberta, para a qual ainda devo dedicar mais pesquisas e estudos.

acompanham sua aproximação em relação a outros campos disciplinares – no caso, os saberes voltados aos estudos urbanos.

Se pensada em termos mais objetivos, a característica que se destaca na análise dos registros relativos às atividades de pesquisa é sua inter-relação com as demais dimensões da vida profissional docente no período, visto que as temáticas concernentes a atividades de orientação, de supervisão, de elaboração de projetos e análises, de inserção em debates acadêmicos, de divulgação de pesquisas etc. guardam relação com os temas de pesquisa. Merecem destaque, nessa perspectiva, os seguintes aspectos: entre as publicações, e também em relação às orientações de mestrado, doutorado e iniciação científica, os capítulos de livro indicam dois percursos de investigação e reflexão importantes, sendo um deles relacionado aos estudos urbanos e consolidado em parcerias com pesquisadores de destacada posição no meio acadêmico; outro vinculado ao debate sobre políticas públicas no campo educacional, proveniente tanto de projetos ligados às licenciaturas quanto à tomada de posicionamento público, a partir da atuação crítica em diferentes espaços. Outra perspectiva que merece destaque, de algum modo similar à primeira, é percebida também em relação à numerosa participação em eventos no país e fora dele, nos quais se reforçam e se alimentam os mesmos dois percursos de investigação e reflexão. Cabe sublinhar o caráter político do segundo percurso, cujos desdobramentos acabam alcançando em alguma medida atividades de extensão universitária, ao lado do caráter investigativo-reflexivo do primeiro.

A partir das publicações, das orientações, das atividades de docência e das participações em eventos neste período foi possível aprimorar o projeto de pesquisa em avaliação neste momento nas agências de financiamento sobre o que denominei “Teorias e formas urbanas”, no qual aprofundo abordagens sobre as relações entre história, cidade e política. Para isso, o projeto se organiza em três partes: Parte 1: Pensamento urbanístico e política em pauta nos periódicos técnicos de arquitetura e engenharia na América; Parte 2: Formas urbanas, persuasão arquitetônica e linguagens políticas; Parte 3: Cosmopolitismos, saberes técnico-eruditos e vida urbana.

No primeiro momento, embora entrelaçado aos demais, investiga-se a formação do pensamento urbanístico no continente americano a partir do debate e difusão de temas correlatos ao urbanismo em periódicos técnicos publicados no Brasil e na Argentina no início do século XX. A hipótese central pressupõe o entendimento do urbanismo como campo interdisciplinar constituído a partir de debates oriundos de diferentes indagações – como as pesquisas de investigadores sociais, do sanitarismo, da engenharia, do direito, da medicina, da arquitetura etc. – e considera a importância de espaços e meios de caráter profissional – como periódicos técnicos, associações e congressos de arquitetos e engenheiros – para formulação de uma pauta de discussões paulatinamente tomada como constituinte do campo do urbanismo.

São projetos e pesquisas atualmente em andamento, sobre os quais as reflexões ainda carecem de aprofundamento. Porém, pode-se notar, de início, relações significativas com os temas de pesquisa ligados a linguagens políticas e aos estudos urbanos que venho desenvolvendo, desde o doutoramento, quando as reflexões voltavam-se para a experiência de viver o urbano em transformação: percebida pelos contemporâneos como movimento de mudança e, em várias instâncias, apreendida como possibilidade de atuação, pressão e participação baseada em práticas cotidianas e relações políticas anteriores. Nos temas atuais de pesquisa, aprofunda-se para além dos sujeitos essa percepção da centralidade do *plural* no urbano, atendo-me neste momento para a pluralidade das próprias linguagens e saberes a partir dos quais pensamos a cidade. Percebe-se, nesse percurso, os dois caminhos indicados no início dessas ponderações acerca das **pesquisas e estudos**: um deles que amplia as análises a respeito dos saberes eruditos sobre a cidade, sobretudo sobre a formação do campo do urbanismo e dos estudos urbanos; o outro que aprofunda a compreensão das dimensões políticas, seja dos saberes, seja do urbano. Como enunciado inicialmente, é a partir desse entendimento que se compreende as pesquisas e estudos como reiterada *atualização* de indagações em torno ao político e ao urbano, e que atualmente se voltam mais expressivamente para a dimensão plural do urbano e para o debate em torno das dinâmicas inter e transnacionais dos saberes sobre a cidade.

\*

Por fim, o que se poderia dizer sobre a tarefa de perceber – e dar a perceber – (im)prováveis coerências, continuidades e perspectivas a partir dos elementos e ações variados e dispersos, narrados neste memorial? É possível que própria narrativa tenha criado coerências entre distintas iniciativas, entre diferentes dimensões, entre aspectos imprevistos, entre trabalhos concluídos e perspectivas enunciadas. Se induziu essa leitura coesa sobre momentos diversos, pode-se dizer que suplantou a percepção fragmentária com que frequentemente presente no cotidiano das ações, e se mostrou, de certo modo, bem-sucedida. Mas, para além de quaisquer incoerências, fragmentações ou lacunas que porventura permaneçam, mesmo diante da desconfortável tarefa dessa *escrita de si*, ainda que profissionalmente falando, parece ser possível arriscar a interpretação de uma constância. Parece haver nos percursos narrados uma espécie de diapasão político, ajustando nuanças, tonalidades, inflexões. Nele, dimensões da cidade plural, dos saberes técnicos e do ensino parecem encontrar uma coerência, tornando a dimensão política um coeficiente, uma invariante flexionada em várias indagações. Tomadas em conjunto, parecem originar-se em desconfortos, em incômodos percebidos na própria contemporaneidade, de distintas formas, inclusive no próprio exercício profissional. E se a narrativa em terceira pessoa puder aqui assumir algum outro sentido, além dos distanciamentos a que nos induz, seria afinal possível buscar um último apoio à coesão na advertência de Ricoeur, em seu *Em torno ao político*: “Dizer *si* não é dizer *eu*. *Si* implica o outro de *si*, a fim de que se possa dizer de alguém que ele se estima a *si* mesmo como um outro.”<sup>33</sup>

Campinas, 14 de setembro de 2018

---

<sup>33</sup> Paul Ricoeur. *Leituras 1. Em torno ao político*. Trad. Marcelo Pirine. São Paulo: ed. Loyola, 1995. p. 163.